

SUMÁRIO

Prefácio do presidente da Federação Portuguesa de Futebol, Pedro Proença	7
1. Acidente	9
2. Família	21
3. André	40
4. Amigos	54
5. eSports	76
6. Gestifute	82
7. Liverpool	90
8. Treinadores	127
9. Ruben Neves	160
10. Jogadores	172
11. Rute	206
Nota do autor	223
Jogos	225
Estatísticas	301

PREFÁCIO

PEDRO PROENÇA,

presidente da Federação Portuguesa de Futebol

Nunca mais é muito tempo é um livro único, nascido do desejo profundo de homenagear e de celebrar as vidas de Diogo Jota e de André Silva, dois irmãos, dois futebolistas, dois jovens que partiram demasiado cedo, deixando um vazio imenso em todos os que os amavam.

A despedida foi dura para a família, para os amigos, para os colegas, para os clubes e para os seus adeptos... Para a sua terra natal e para os locais onde viviam... Para Portugal.

Foi um choque, a notícia que ninguém queria ouvir naquela manhã, sobretudo todos os que partilharam os relvados, os dias, as emoções e os anos de vida de Diogo Jota e de André Silva. Todos sentimos que perdemos alguém que fazia parte das nossas vidas, de uma forma ou de outra.

O autor José Manuel Delgado, a quem agradeço as palavras que deixa neste livro, oferece-nos, nestas páginas, muito mais do que um relato: dá-nos proximidade e intimidade, dá-nos a vivência dos dois na primeira pessoa. Leva-nos para dentro das rotinas, dos sonhos e dos gestos simples que construíram quem eram o Diogo e o André. Os treinos, as brincadeiras, as viagens, os estudos, os momentos com a família, os planos feitos com alegria e com futuro...

Este livro recorda-nos que a verdadeira dimensão de uma vida não se mede apenas pelos golos, pelos jogos ou pelos aplausos, mas sim pela forma como se viveu e pelo que se deixou nos outros: a amizade, a leveza, o entusiasmo, a força.

Diogo e André permanecem na memória de quem os conheceu como eram em vida: com a gargalhada fácil, o sorriso aberto, a vontade de seguir em frente. É assim que devem ser lembrados, não como ausência, mas como presença eterna nas histórias que ficam.

Porque há perdas que nunca se apagam, mas há memórias que se tornam mais fortes do que a própria despedida.

E é isso que este livro faz: eterniza dois irmãos que viveram intensamente, que inspiraram muitos e que continuarão, de alguma forma, a caminhar connosco.

Nunca mais é muito tempo, sim. Mas a alegria que deixaram, essa, não tem fim.

Pedro Proença
Cidade do Futebol, março de 2026

1.

ACIDENTE

O princípio do fim aconteceu a 20 de outubro de 2024, num Liverpool-Chelsea (2-1), referente à 8.ª jornada da Premier League. Nessa tarde, em Anfield, Diogo Jota foi titular na equipa orientada por Arne Slot. No entanto, um choque com um adversário, que lhe causou queixas na zona dorsal, obrigou-o a ser substituído por Darwin Núñez, aos 30 minutos de jogo. O departamento médico do Liverpool diagnosticaria uma lesão pulmonar, que exigiu intervenção cirúrgica. Essa cirurgia deixou Jota 55 dias em recuperação, forçando-o a perder sete jornadas do principal escalão inglês. O internacional português só regressaria a 14 de dezembro de 2024, aquando da visita do Fulham a Anfield. O resultado foi 2-2, e Jota empatou para o Liverpool aos 86 minutos. Verificar-se-ia, contudo, que o avançado, apesar de já ter voltado à competição, continuava a sentir algum desconforto, tendo realizado um exame que revelou que não estava a cem por cento. O departamento médico decidiu dar-lhe mais algum tempo para ver se estabilizava. Perto do final da época, Jota fez outro exame e foi constatado que necessitava de nova cirurgia. Assim, terminou a temporada como elemento preponderante do Liverpool, sagrando-se campeão em Inglaterra, e esteve disponível para contribuir para a conquista da segunda Liga das Nações por Portugal: primeiro, na vitória, a 4 de junho de 2025, frente à Alemanha, por 2-1, na Allianz Arena, em Munique, onde substituiu Pedro Neto aos 83 minutos; depois, no mesmo palco, na segunda parte do prolongamento da final contra os espanhóis, que seria decidida nos penáltis. Como previsto, no dia seguinte ao encontro decisivo, Jota viajou para Liverpool, tendo sido submetido, vinte e quatro horas depois, à operação ao pulmão, que decorreu sem problemas.

Porém, pela natureza da lesão, foi-lhe desaconselhado que, no pós-operatório, fosse sujeito a mudanças bruscas de pressão, pelo que optou por fazer a viagem para Portugal — onde tinha casamento marcado — por via terrestre e marítima, plano que previa repetir, mais tarde, no regresso a solo britânico.

O craque saiu de Liverpool numa viatura do clube, na companhia dos pais — Isabel e Joaquim —, que o haviam acompanhado, em casa, nos primeiros dias de convalescença. Cumpru uma viagem de quatro horas e meia até Bristol, onde os pais embarcaram num voo para o Porto. Em seguida, voltou ao carro e fez o resto do caminho até Plymouth, onde apanharia o *ferry* para Espanha, mas agora acompanhado por Bruno Duarte, padrinho do filho Dinis e que estava então a escassos dias de apadrinhar também o seu casamento.

Depois de terem apanhado o barco para Santander — cidade espanhola que dista 625 quilómetros de Valongo, nos arredores do Porto, onde ficaria instalado —, percorreram esse trajeto num *Ferrari* cujo aluguer já estava reservado pelo internacional português na capital da Cantábria, algo que Bruno desconhecia.

* * *

«Foi uma surpresa», afirmou Rute Cardoso, mulher de Diogo Jota, que justificou: «Ao contrário da maioria dos jogadores, que gostam de altos carros, joias e relógios, o Diogo nunca foi desse campeonato, e as viaturas que tínhamos bastavam-lhe». E detalhou: «Em novembro de 2024, para termos mais espaço para as crianças e as cadelas, comprámos um carro maior, um *Cadillac*, que se juntou a um *Mercedes* e a um *Tesla*. Talvez por nunca ter ligado muito a automóveis, ele aproveitou para ter a experiência de conduzir um *Ferrari*, que, aliás, entregou na manhã do nosso casamento. Depois, alugaria o *Lamborghini*, que devia ter devolvido em Santander».

Do programa de férias de Diogo Jota em Portugal constavam acontecimentos importantes: a recuperação funcional da cirurgia, que cumpriu escrupulosamente; a presença no casamento de José Sá, guarda-redes do Wolverhampton (e, curiosamente, no mesmo dia, na boda de um amigo de infância, Pedrão); mas, acima de tudo, o matrimónio que contrairia com Rute Cardoso, mãe dos seus três filhos, com quem namorava desde 2012. Viria a cumprir tudo isso.

Antes da viagem de regresso a Santander, de 2 para 3 de julho de 2025, que iniciou na companhia do irmão, André, Diogo alugou então o *Lamborghini*.

* * *

«Nós tínhamos um grupinho muito engraçado de amigos», contou Rute. «Era composto pela Catarina, madrinha de batismo do Dinis e minha

de casamento, pelo namorado, Berto, pelo Bruno Duarte, que jogou com o Diogo no Paços de Ferreira, e pela namorada dele, a Marta. Estávamos muitas vezes juntos em Inglaterra e, recentemente, tínhamos feito uma viagem à Lapónia.»

O acidente que vitimaria Jota e o irmão, André, aconteceria na madrugada de 3 de julho de 2025 [hora espanhola, já que, de acordo com a portuguesa, sucedeu às 23h32 de 2 de julho]. Dois dias antes, Rute fez um pedido ao marido, de modo a retomarem um hábito trivial: «Disse-lhe para irmos ao cinema, coisa que já não fazíamos há muito. Nem me lembrava da última vez que isso tinha acontecido, mas deve ter sido ainda antes dos confinamentos na época da pandemia».

A estrela do Liverpool achou que era boa ideia, e entendeu que seria ainda uma oportunidade melhor para se despedirem do grupo de amigos, tendo então sugerido à mulher que convidasse toda a gente.

«Mande uma mensagem pelo WhatsApp: “Malta, logo à noite, às 21h15, no Arrábida Shopping, vamos todos ao cinema”. Francamente, não pensei que estivessem todos livres, mas acabaram por ir.»

Era noite de amigos, de tradições, de coisas simples, das coisas que, entre amigos, na verdade, nunca mudam, das que nunca são atrapalhadas pela fama, pela visibilidade. Os amigos constituem sempre o centro. São o sítio, a casa.

«Depois do cinema — fomos ver *O Match Perfeito* —, percebemos que ainda estavam duas coisas por fazer antes de regressarmos a Inglaterra: comer nas *roulottes* e ir ao *sushi*. Fomos àquelas que se encontram perto da ponte D. Luís, sentámo-nos na margem do Douro e ficámos ali na galhofa. A namorada do Bruno nem queria ir, porque tinha uma reunião muito importante no outro dia, logo pela manhã... Hoje diz-me “Ainda bem que fui...”»

* * *

O dia da viagem começou de forma diferente. «Na manhã seguinte», prosseguiu Rute, «dirigimo-nos ao Hospital da Arrábida para o Diogo tirar os pontos, e levámos o Dinis e o Duarte connosco». De seguida, para fechar o capítulo das tradições, «fomos almoçar fora, ao *sushi*, a um restaurante perto da praia».

Depois, seguiram para casa da irmã de Rute — onde habitualmente ficavam quando vinham a Portugal —, porque, antes da viagem de regresso a Inglaterra, a família ia despedir-se de Diogo Jota, bem como do irmão, André, que iria fazer-lhe companhia na viagem. «Dessa forma, aproveitavam para ver o maldito carro e para jantar connosco.»

Rute, sem se deter na recuperação dos detalhes dessa noite, como se estivesse ainda a ver um filme sem intervalo, que não termina, recordou-se de ter ido «deitar os meninos» e de, depois de ter descido à sala, Diogo e André já estarem quase prontos para sair. Planeavam parar para dormir a meio da viagem, num hotel em Benavente, Espanha, para não terem de conduzir muito tempo seguido. Depois, na manhã seguinte, retomariam o caminho.

«Lembro-me de não estar com fome e de nem sequer ter jantado. Ficámos um pouco na conversa, e o André ainda foi à casa de banho. Decorridos uns minutos de eles terem saído, enviei uma mensagem ao Diogo a dizer-lhe “Vai com Deus”. Ele respondeu-me com um *emoji*, e eu pedi-lhe que se mantivesse focado na estrada.»

Foi a última mensagem que teve resposta.

* * *

«No nosso casamento, que se realizara uma semana e pouco antes, eu e as minhas damas de honor fizemos-lhe uma surpresa, uma dança. Na noite do acidente, por volta das 22h40, o fotógrafo enviou-me o vídeo desse momento, que encaminhei para o grupo que tinha com elas. Responderam-me que o Diogo parecia alguém que se estava a apaixonar pela primeira vez, porque era isso que, de facto, a expressão dele indicava.»

Ávida de o partilhar, Rute enviou outra mensagem ao marido. «Dizia: “Quando parares, tenho um vídeo para te mostrar”. Foi entregue, mas acabou por nunca ser lida.»

Rute, claro, sabia que Jota estava em viagem, pelo que uma mensagem não lida estava longe de constituir qualquer sinal de anormalidade ou alarme. As conversas e os planos ainda decorriam dentro do costume.

«Entretanto, um tio meu, que trabalha em Espanha, tinha chegado de viagem. Liguei à minha tia, para lhe dizer que estava de partida na sexta-feira para Liverpool, para me juntar ao Diogo, e perguntei-lhe se, antes disso, não queriam aproveitar para passar lá por casa.»

Aceitaram o convite, sem terem noção, naturalmente, da importância que teriam naquela noite — sobretudo, o tio.

Ficaram a conversar, e Rute não voltou a ligar ao marido, justamente por saber que ele estava em viagem.

«Depois de os meus tios se irem embora, olhei para o relógio e pensei que já era hora de o Diogo e o André terem chegado ao hotel em Benavente. Enviei-lhe nova mensagem, apenas a perguntar “Então?”»

Em resposta, apareceu só um visto cinzento na mensagem de WhatsApp, e não os dois que indicam que foi entregue. Aflita, Rute enviou-lhe «outra, e outra. E nenhuma foi entregue».

Havia mais um teste a fazer para tentar atenuar a espiral nervosa: uma mensagem para o telemóvel do cunhado, André.

«Também não foi entregue.»

Rute começou a tremer, temendo que algo pudesse ter acontecido, e procurou conforto na irmã, que a ia tranquilizando, lembrando-a de que eles poderiam estar num sítio com pouca rede ou sem bateria nos telefones.

Foi um momento de acumulação de medos, que chegaram de uma só vez à cabeça de Rute, imparáveis, impossíveis de acalmar.

«Desde que o meu filho mais velho nasceu, passei a ter medo de muita coisa. Na semana anterior, eu e o Diogo havíamos tido uma conversa sobre o assunto, sobre o medo de os miúdos ficarem entregues ao mundo caso nos acontecesse algo a nós, pais. Bem sei que têm avós e tios, mas esse é um receio que desenvolvi desde que o Dinis nasceu. Quando percebi que as mensagens não estavam a ser entregues, todo o meu pessimismo voltou.»

Quase em modo automático, Rute telefonou a uma amiga, Catarina, perguntando-lhe se tinha sido ela a reservar a noite no hotel onde Diogo e André iriam pernoitar, em Benavente. Catarina respondeu-lhe que não, mas que sabia o nome do estabelecimento. De pronto, Rute telefonou para lá, questionando se já tinham dado entrada dois homens que teriam avisado que iriam chegar tarde. Dois irmãos num *Lamborghini* verde.

A resposta, dada pelo hotel sem qualquer noção do peso que isso poderia carregar naquele momento, foi proferida num tom absolutamente natural. Não, não tinham chegado.

Prestes a explodir de ansiedade, e a sentir os pensamentos e o próprio corpo a rodopiar, sem sítio ou posição, Rute ligou a Paula, namorada de André, que lhe transmitiu que não falava com ele há algumas horas. Rute pediu-lhe que tentasse fazê-lo e, sem esperar, continuou a tentar resolver o assunto. Sentia que tinha de continuar a fazer coisas, a agir, a procurar respostas. Esperar afigurava-se, então, impossível. Telefonou para um hospital da zona espanhola de Benavente, de onde lhe disseram que estavam impedidos de fornecer informações daquele tipo. Em seguida, tentou contactar a polícia espanhola, mas não conseguiu estabelecer uma ligação que lhe permitisse saber o que quer que fosse. O nervosismo estava a atrapalhá-la demasiado. Entretanto, a irmã, Lúcia, teve outra ideia: telefonar

ao tio Vítor, que era camionista e, por sinal, havia deixado a casa dela sensivelmente uma hora antes. A esperança era que ele, pela experiência de estrada e por alguns contactos de que dispunha, tivesse mais facilidade em chegar à polícia e em obter informações.

«Liguei-lhe», recordou Rute, «a explicar que não sabia o que se estava a passar, que não estava a conseguir contactar o Diogo e eles ainda não tinham chegado ao hotel. E pedi-lhe ajuda».

Vítor, do outro lado da linha, pediu um momento e foi buscar outro telefone, de número espanhol, com o qual fez uma chamada para a polícia de trânsito, mantendo sempre, porém, o aparelho português ligado e em contacto com a sobrinha.

Então, Rute ouviu o tio dizer, ao outro telefone: «Sim, são dois irmãos».

* * *

Era a certeza, forte, dura, de que algo havia acontecido. E, ao mesmo tempo, a necessidade instantânea de adaptar o pensamento ao cenário menos grave possível. «Eu e a minha irmã ficámos perplexas. Como é que eles sabiam que eram dois irmãos?» Sim, talvez tivesse havido um acidente; sim, talvez os telefones se tivessem avariado na ocorrência; sim, talvez se tivessem magoado e estivessem num hospital; sim, mas talvez o caso não fosse grave e ficassem bem depressa. Tudo isto num pensamento único, imparável, às voltas na cabeça de Rute.

«De repente, o meu tio pediu-me que lhe passasse o Nuno, o meu cunhado. Àquela hora, com o silêncio, era possível perceber tudo o que conversavam ao telefone. Ouvi o meu tio dizer-lhe: “Os corpos estão a ser levados”; acho que ele acrescentou “para a morgue”, mas a minha cabeça parou ali. “Corpos?” O meu cunhado ficou estático. A minha irmã tirou-lhe o telemóvel e pediu ao tio que falasse com ela. A minha preocupação foi ligar ao pai do Diogo e dizer-lhe: “Vocês têm de vir já para aqui”. O senhor Joaquim perguntou-me o que se passava, mas eu não tive capacidade para lhe dizer mais nada. Telefonei à namorada do André e pedi-lhe o mesmo: “Paula, vem ter aqui”. Ela ficou em pânico e transmitiu-me que estava sem carro, porque o André o tinha deixado na casa da minha irmã. Sugeri-lhe que pedisse boleia aos pais deles, ou qualquer outra coisa, mas que viesse depressa.»

De repente, o pânico começou a manifestar-se ainda mais. Acentuava-se a necessidade de movimento, de manter a cabeça a pensar e o corpo a andar. Talvez isso ajudasse a que chegassem novos pensamentos, novas notícias, coisas melhores, não tão assustadoras, uma realidade diferente.

«Comecei a aperceber-me de que podia ser verdade, embora quisesse acreditar que isso era impossível. Tenho marcados onze quilómetros no relógio, feitos naquela noite, só a andar no pátio, que é grande, da casa da minha irmã.»

Já estavam duas psicólogas do INEM a acompanhar Rute e demais familiares quando o tio Vítor voltou a ligar, dizendo-lhe que tinha de ouvir uma coisa importante. Do outro lado da linha, estava um polícia espanhol, que, confirmando que estava a falar com Rute Cardoso, e tendo na posse dele a identificação de Jota, comunicou o seguinte: «Declaro o óbito de Diogo José Teixeira da Silva, nascido em 4 de dezembro de 1996».

* * *

Rute demorou a deixar cair uma lágrima. Continuava em negação, acreditando verdadeiramente que aquilo não podia ser verdade. A mãe dela e a sogra, de corações quebrados, choravam num desalento quase desumano. Rute continuava a andar, de um lado para o outro, e desabafava, procurando as últimas réstias de força num certo inconformismo. Era a derradeira luta contra a realidade. Lembrou-se das vezes em que brincava com Diogo justamente para lhe dizer como ele era tradicionalmente um sortudo, como a vida lhe corria sempre bem — a pessoal, a profissional, toda.

«Eu só dizia à minha amiga Catarina: “Isto é uma palhaçada, não pode ser verdade. Nunca na vida isto pode ser verdade!”»

Passou-se tempo. Rute não sabe dizer quanto. Minutos que terão parecido vidas inteiras.

«A minha irmã foi-me puxando para ela, foi-me falando ao coração, e só aí é que comecei a aceitar. A compreender.»

Porém, Rute não sabe se alguma vez o conseguirá. Compreender. Aceitar. Aquando das conversas com o autor deste livro, ela própria confidenciou que ainda não caíra na realidade. Agora, com a presente obra já publicada, talvez ainda esteja nesse processo de compreensão, de aceitação, de uma dor absoluta que só o tempo, lentamente, saberá atenuar.

* * *

O pior da realidade é que nunca cessa. Há sempre mais à nossa espera.

A polícia espanhola, numa frieza profissional, transmitiu à mulher de Jota que teria de se deslocar à morgue para recolher os pertences dele e do irmão.

«A minha irmã ligou ao meu pai, que mora em Espanha, e, por volta das seis da manhã, saímos de casa dela para viajar até lá. Disse ao condutor, o Berto, namorado da Catarina, que queria que fizéssemos o mesmo caminho que eles. O meu tio contactou as autoridades para saber qual tinha sido exatamente o quilómetro em que ocorrera o acidente — imaginei que, decorridas tantas horas, já não houvesse vestígios, mas queria saber onde tinha acontecido. Porém, quando chegámos àquele maldito quilómetro 64, ainda estava lá o que restava do carro.»

Rute pediu a Berto para que a deixasse sair. Queria ver. Talvez isso pudesse ser suficientemente forte para mudar alguma coisa.

Ele parou o automóvel entre o aparato policial que ainda se encontrava no local. Os agentes agitaram-se, mas logo perceberam que se tratava de familiares dos acidentados e condescenderam. Rute queria sair do carro, mas as portas de trás, bem como as janelas, não abriam, por estarem ativadas as proteções para crianças. Deu por si a bater no vidro, por dentro, como se fosse, ela própria, uma menina assustada. Abriram-lhe a porta e saiu disparada para o local, mas foi parada por um polícia, que lhe disse que não precisava de ver aquilo, que podia observar dali, de longe, para não ter de ficar com aquela horrível imagem gravada na cabeça. Devastada, aceitou. Solicitou, ainda assim, aos agentes que procurassem, naquele infernal amontoado, o terço do marido.

«Isto foi de quarta para quinta. No domingo anterior, tínhamos ido a Fátima, onde, depois de cada parto, eu cumpria uma promessa feita à Nossa Senhora, que consistia, com a companhia da minha irmã, em descer o santuário e dar três voltas à capela, de joelhos, com a criança ao colo. Como nesta época o Diogo tinha sido operado duas vezes ao pulmão, prometi que faria a mesma coisa por ele, dando outra volta. Quando chegámos a Fátima, pedi-lhe que fôssemos diretamente às lojas, para ele escolher um terço, que eu deveria levar na mão durante o cumprimento da promessa. Comprámo-lo, concretizei o prometido com a Mafalda ao colo, entreguei-a à minha mãe, e fui com o Diogo pela mão, a segurar o terço com a outra, descer outra vez e dar mais uma volta. Estava muito calor, mais de 40 graus. Mesmo com joelheiras, fiquei com os joelhos em carne viva.»

O chefe da polícia prometeu-lhe que iriam procurar o terço nos destroços. E acabaram por encontrar um, mas de André, não de Diogo.

Seguiram viagem para a morgue, onde o pai de Rute já estava à espera. Ela pediu para ver o corpo do marido, mas disseram-lhe imediatamente que não. Ficou à espera numa sala, com uma pequena janela, e mostraram-lhe do outro lado o corpo de Diogo numa maca e o de André dentro de uma caixa, ambos num saco.

Deram-lhe o relógio, a carteira e a aliança de casamento de Jota. Levaram os corpos para as carrinhas e continuaram todos a viagem até à funerária. Esperaram por autorização e regressaram a Portugal. Rute veio na carrinha com o corpo de Diogo, acompanhada por Catarina. Exausta, acabou, finalmente, por adormecer... Talvez num pesadelo aquilo não fosse verdade. Mas era.

* * *

Para os pais de Diogo e André, o dia 2 de julho de 2025 tinha tudo para não ser substancialmente diferente dos outros em que se despediram do primeiro, que já jogava no estrangeiro há oito anos.

É certo, que daquela vez, uma parte substancial da viagem seria de automóvel. E que, daquela vez, o mais velho teria a companhia do irmão.

O pai, Joaquim Silva, recordou essa noite com um olhar ainda perdido: «Fomos convidados para um jantar de família, em Valongo, em casa da irmã da Rute. O Diogo já lá estava quando chegámos, e o André, que fora buscar o passaporte a Penafiel, apareceu mais tarde. Vimos o carro, estivemos a brincar com os miúdos... Depois, despedimo-nos deles, e seguiram viagem». «No final da noite», continuou, «fomos para casa, e, quando estava a deitar-me, depois de ficar um pouco na sala a ver televisão, recebi um telefonema da Rute a pedir, alterada: “Venham para aqui, por favor”. Voltámos para o carro, e tive logo um mau pressentimento. A viagem para lá foi horrível. E, no regresso a casa, já conhecedor da tragédia, ainda pior. A pior coisa de sempre. A pior coisa possível. Não sei, até hoje, como consegui aguentar».

A mãe, Isabel, ao lado do marido, parecia procurar nos olhos deste, a quem trata por Quim Zé, alguma coisa que não sabe já o que possa ser. Naquele cruzamento de olhares perdidos, encontraram-se ambos no mesmo sítio.

Recordou os últimos momentos antes do fim: «O Quim Zé ficou um pouco no piso de baixo, eu subi, tomei banho, arranjei-me, deitei-me e enviei uma mensagem ao André a perguntar como estava a correr a viagem. Ele não me respondeu, eram 23h23. Liguei a televisão e adormeci, mas não completamente; havia ali algo que ficou à espera da resposta que não veio. À meia-noite e tal, ainda o Quim Zé não tinha vindo para o quarto, enviei outra mensagem, a perguntar-lhe se não tinha visto a primeira. Nada. A seguir, fiz o mesmo para o Diogo. Também nada. Entretanto o meu marido estava a deitar-se quando recebeu um telefonema da Rute, e disse-me do que se tratava...»

Do percurso até casa da irmã desta, o tal que Joaquim disse que fora difícil, Isabel recordou que Berto lhe telefonou a perguntar se ainda demoravam muito a chegar. Ficou ainda mais assustada e quis saber imediatamente o que é que se passava, mas do outro lado da linha responderam-lhe que só lho poderiam contar quando chegassem, não pelo telefone.

Era, e será sempre, uma tentativa muito infrutífera de tentar poupar dor a alguém. Dizer que algo se passou, mas ao mesmo tempo que não se pode contar o que foi, também é dar uma má notícia. Não se trata de escancarar a porta para a dor, mas é abri-la lentamente, e deixá-la já aberta, não permitindo que volte a fechar-se.

«Quando chegámos», contou Joaquim, «foi a Lídia, irmã da Rute, que me deu a notícia. Para ser sincero, quando ela o fez, nem foi um grande choque, pois esse acontecera logo quando recebi o telefonema. Ali, naquele momento, era preciso reagir à realidade.»

A mãe de Diogo e André guarda as próprias memórias do momento, misturadas com o discurso e as memórias do marido, com quem cruza o tal olhar, perdido. Aquele que só encontram um no outro, na dor devastadora que partilham.

«Quem nos abriu a porta foi o Berto, e voltei a pedir-lhe que me informasse do que se passava, já que não mo contara ao telefone.» Isabel parecia precisar de confirmação, parecia precisar de o ouvir. Enquanto isso não se verificasse, talvez não tivesse acontecido. «Não mo disse logo. Desci, sentaram-me numa cadeira. Eu só via a Rute a andar para lá e para cá, com a Catarina. Já lá estava o tio dela também, e eu continuava sem perceber. Foi então que o Quim Zé se acercou de mim, me colocou as mãos nos ombros e disse: “Foram os dois.”»

* * *

Isabel lembra-se de negar, de dizer a toda a gente que os filhos estavam apenas feridos, à espera de que chegasse o médico que os iria salvar. O tio de Rute aproximou-se dela e, com calma, explicou-lhe que aquilo que estava a afirmar era, sim, o que se desejava, o que ele próprio gostaria de lhe dizer, mas não podia. Isabel ouvia-o de um lado e, do outro, via Paula, a namorada de André, que, entretanto, chegara e lhe dizia que não, que nada daquilo podia ser verdade. Era como se realidades se misturassem, opiniões se fundissem, desejos se sobrepusessem.

Naquele choque com a realidade, que Joaquim e Isabel enfrentavam com toda a força que conseguiam encontrar, colocava-se também a questão da ida

ao local do acidente. O primeiro percebeu que não tinha capacidade para guiar até Espanha, pelo que foi João Camacho, um amigo da família — que é de Gondomar e trabalha para o agente FIFA Jorge Mendes —, a conduzi-los até Sanabria, em Espanha. Numa triste coincidência, Isabel e o marido haviam estado três meses antes na localidade.

«Tínhamos uns *vouchers* cujo prazo estava a terminar, e fomos passar duas noites a Bragança. Decidimos então dar um salto a Espanha e ir ver o castelo de Sanabria.»

A funerária onde André e Diogo estavam ficava muito perto.

Joaquim, sentindo a falta de força na mulher para continuar o relato desses intermináveis momentos da vida de ambos, avançou na recomposição da história.

«Na funerária, depois do teste de ADN, perguntaram-nos se queríamos estar junto dos nossos filhos. Eu disse que sim. A Isabel não quis...»

A mãe teve uma explicação para não querer ver os corpos dos filhos, que ela própria aclara: «Nem sequer sabia que o carro se tinha incendiado. Quando o Quim Zé me contou que estavam, cada um, num saco, respondi-lhe que não ia».

Porém, o pai, talvez naquele momento acreditando mais na morte dos filhos do que Isabel, que parecia recusar a fatalidade e crer na ideia de que, não vendo, talvez não acontecesse, quis estar uma última vez «ao pé deles».

«Não foi só um, foram os dois. Foi o momento mais horrível da minha vida.»

Após tamanha devastação, voltaram para Portugal. Isabel, com uma amiga que trabalhava na funerária, viajou no carro que transportava o corpo de André, enquanto Rute seguiu no de Diogo, acompanhada por Catarina. Joaquim regressou com o amigo Camacho, com quem tinha ido.

A viagem foi toda em cortejo funerário, sempre acompanhada pela polícia, que se ia revezando na frente.

Entretanto, quando os corpos iniciaram o caminho que os levaria à Igreja Matriz de Gondomar, a notícia da morte dos dois futebolistas já tinha corrido mundo. «Houve uma coisa impressionante nos viadutos», disse Joaquim. «Estavam cheios de gente, a acenar com lenços, com cachecóis, a aplaudir, quando nós passávamos, desde Espanha até Portugal. Depois, quando se fez noite, passaram a usar as lanternas dos telemóveis.»

Os corpos ficaram na igreja e os familiares rumaram a suas casas, regressando no dia seguinte para o velório. Havia um vazio em todos os lares. Memórias que começavam a aparecer pelos cantos, fotografias em molduras que, assim de repente, pareciam objetos novos, nunca vistos.

O pai de Diogo e André relatou: « No dia do funeral, fui a guiar desde casa, sem parar nos semáforos; a seguir, o carro da frente travou e foi por muito pouco que não lhe bati na traseira. Resolvi parar um minuto ou dois, dizendo para mim mesmo “Concentra-te, senão não vais ao funeral dos teus filhos”. Naquele dia e meio de velório e funeral, estivemos a cumprimentar pessoas e a aceitar os pêsames. Nessa altura, percebi como os abraços podem ter formas muito diferentes...»

Havia uns mais apertados que outros. Independentemente disso, Joaquim e Isabel sentiam-se fracos. Aquele que queriam dar aos filhos, e que sabiam ser algo que nunca mais poderiam fazer, retirava-lhes toda a força do corpo. Não pode existir nada pior do que abraços que não podem ser dados aos filhos.